



*Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*  
Autora: Dulcília Schroeder Buitoni, Editora Saraiva, 2011, 190 p.

# O fotojornalismo das páginas impressas à internet

The photojournalism from the press pages to the internet

Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo\*

Escrever sobre fotografia e a ontologia da imagem fotográfica foi um desafio vencido por muitos autores. Porém, o estudo aprofundado da fotografia como informação jornalística foi – e ainda é – obra de poucos. Em 2000, o português Jorge Pedro Sousa lançou, no Brasil, um livro que perpassa a história dos desbravadores deste segmento da fotografia, mostrando, principalmente, a escalada do fotojornalismo nas guerras dos séculos XIX e XX. Foi por meio de imagens de conflitos que o público passou a compreender e valorizar a fotografia como recurso para trazer a “realidade” dos fatos para vida cotidiana.

Uma boa surpresa, para os estudos de fotojornalismo, foi o lançamento, em 2011, do livro *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*, de Dulcília Buitoni, pela Editora Saraiva. Já na introdução, a autora inclui o Brasil no cenário da fotografia. Ela relembra a história de D. Pedro II, um amante da fotografia e considerado o primeiro fotógrafo do país. Fala também de Hercules Florence, francês radicado em Campinas (SP) que, ainda em 1833, processava impressões fotográficas, mas que teve seu invento reconhecido apenas no final do século XX, graças ao empenho do pesquisador Boris Kossoy.

O livro ultrapassa a proposta da série *Introdução ao Jornalismo* – para a qual foi produzido –, pois se aprofunda em conceitos característicos da fotografia, como os de espelho e transformação do real, documento histórico, identificação e natureza indicial. A discussão não se limita a um

---

\* Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), de Presidente Prudente (SP). Especialista em Agronegócios pelas Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo”, de Presidente Prudente (SP). Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora e coordenadora do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade do Oeste Paulista, de Presidente Prudente (SP).

olhar superficial e introdutório para o leigo; ela abastece novos olhares para os pesquisadores. O grande diferencial – ainda não tratado em nenhum livro de jornalismo – foi dedicar um capítulo ao desafio de atuar como fotojornalista no meio virtual.

A internet, muito recente na história mundial, com pouco mais de 20 anos, já tem páginas e páginas de livros dedicadas à sua história, conceitos de textos no jornalismo *online*, discussões infundáveis sobre a arquitetura da informação, mas o espaço dedicado à imagem, que cresce exponencialmente dia após dia no ambiente virtual, ainda não havia sido trabalhado em uma obra literária. Uma discussão nova e necessária, que ainda merece um espaço próprio, mas que já encontrou um olhar inicial, fundamental para o desafio diário que os fotógrafos profissionais da imprensa enfrentam ao concorrer com pessoas comuns, que estão em todo lugar e que, assim como eles, registram os fatos. O debate neste âmbito também encontra espaço nos próprios editores, que na ânsia em disponibilizar a informação no momento em que ela acontece, não têm tempo para refletir sobre qual imagem melhor resumiria o fato e, em decorrência da luta contra o relógio, inserem imagens de forma muitas vezes impensada, se comparadas aos padrões que as mesmas são trabalhadas nas páginas dos jornais impressos. Outro percalço está naquilo que poderia ser visto como aliado, o espaço ilimitado, que, ao invés de ajudar, banaliza a veiculação da fotografia na rede e transforma a imagem em coadjuvante dos fatos.

Outras questões tão importantes quanto esta nova vertente do fazer fotográfico são tratadas no livro, como a fotografia como documento histórico. A autora traz à tona traços da história do ato e do documento fotográfico dentro e fora da realidade jornalística. Mostra os limites da imagem pública e privada e como esses conceitos estão sendo reformulados com as redes sociais, que tornam público aquilo que antes era visto como privado. Na página 34, ela afirma que “os critérios de público e privado estão sendo alterados pela disseminação de imagens pessoais na Internet, seja em redes sociais como o Flickr, Facebook, Orkut, Twitter, blogs etc.”.

Esta nova modalidade faz com que as pessoas optem por viver por trás da imagem que constroem de si mesmos e que publicam na rede. É uma forma de deixar a vida completamente exposta com o objetivo de mostrá-la ao mundo, para que todos a acompanhem. E tanta exposição de si próprio, faz com que elas dispam-se da segurança aparente que a rede traz, para, em seguida, confrontarem e indignarem-se com o fato de estarem tão visíveis e vigiadas.

O fato é que aquilo que foi fotografado é registro, documento, e pode ser usado, inclusive, como comprovação de um ato. Neste aspecto, Dulcília Buitoni relembra a importância da fotografia para preservar e trazer de volta momentos que seriam esquecidos sem o suporte imagético, como as fotografias de álbuns de família, tema explorado por Susan Sontag no livro *Sobre fotografia* e destacado pela autora como alicerce da pesquisa científica e da recuperação da memória.

No meio profissional, o livro aborda a rotina do fazer fotografia jornalística e suas aplicações. Abre esta etapa mostrando o poder da fotografia em relação ao real. Para tanto, na página 47, cita que “André Rouillé assinala que a contiguidade com a realidade é a força e a vulnerabilidade da imagem fotográfica”. O real, aliás, sempre foi um objeto de discussão na imagem fotográfica. Na década de 1940, André Bazin afirmava que a fotografia era o espelho do real. Autores contemporâneos trataram de qualificar mais tarde, como recupera a autora, o debate entre fotografia e realidade. Phillippe Dubois, por exemplo, no livro *O ato fotográfico*, traçou o percurso histórico das interpretações da imagem fotográfica no decorrer dos tempos: como “espelho do real”, “transformação do real” e “traço do real”. A autora conclui: “No século XX, a discussão sobre o real se encaminhou de modo predominante para apontar a fotografia como ‘impressão de realidade’ altamente codificada.” (BUITONI, 2011, p.20).

Com riqueza de detalhes, e destaque para seus momentos e eventos mais importantes, a história da fotografia também é recuperada. Das primeiras cópias-contato sobre papel com nitrato de prata, em 1802, até o desenvolvimento da autotipia, que consolida a fotografia na imprensa

e na história, por Georg Meisenbach, 80 anos depois, a autora fecha cada item histórico com um resumo do que foi tratado. As datas em formato de tabelas facilitam a visão cronológica dos fatos. A fotografia na imprensa, propriamente dita, é tratada superficialmente no âmbito mundial, para abrir mais espaço à história nacional. O fotojornalismo como profissão, e sua regulamentação no Brasil e no mundo, tem espaço específico em um item da obra, assim como o tem “os fotógrafos brasileiros”.

Dulcília Buitoni não se limita a questões técnicas ou históricas. Ela discute conceitos da fotografia nas páginas impressas ou digitais como informação ou ilustração, amparada no autor Pepe Baeza, e mostra como o texto é o aparato que melhor suporta a imagem fotográfica. Sem ele, as interpretações pessoais abririam demasiadamente o leque de possibilidades informativas.

No jornalismo, a imagem está longe de dizer mais do que “mil palavras”, como afirma um dito popular. O olhar sobre o objeto fotografado deve ser direcionado e amparado pelo texto para ganhar um único sentido, o real, ou ao menos sua versão apurada pelo profissional da imprensa. Como preparar esse olhar? Apenas um dom ou uma técnica? Os desafios da pedagogia do fotojornalismo nos dias atuais são os temas de um dos capítulos, que relembra a trajetória desta disciplina nos cursos de graduação em jornalismo. Para tanto, a autora reproduz trechos do texto *Fotojornalismo: notas/flashs sobre o ensino*, escrito por Vera Simonetti, professora de fotojornalismo por quase três décadas.

Questões jurídicas quanto à autoria da imagem e a diferenciação entre bancos de imagens e agências de notícias são trazidas e abordadas de maneira mais pontual. Para isso, foi preciso lembrar a iniciativa de Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, David “Chim” Seymour, George Rodger e William Vandivert, em 1947, ao criarem a Agência Magnum, fundada em Nova Iorque, “como uma espécie de cooperativa, em que cada membro continuava proprietário dos negativos de suas fotografias”. (BUITONI, 2011, p.147). Um ato inovador e decisivo para o reconhecimento do direito do autor em relação à fotografia.

Estática ou em movimento, nas páginas de uma revista, de um jornal impresso, de um videodocumentário, do cinema ou mesmo da internet, as formas, regras e história, a fotografia foi amplamente tratada nas 190 páginas de *Fotografia e jornalismo*. Em alguns momentos, para quem faz a leitura de forma cronológica, a obra é repetitiva. Talvez tenha sido de propósito, pois a repetição ousa e garante a não-linearidade do texto, característica latente nos tempos modernos (ou pós-modernos) da leitura na internet, que dispensa a necessidade de ler em sequência. Cada capítulo se inicia e se encerra de maneira independente. Atende a públicos diversos, de pesquisadores a professores, de amantes a curiosos da fotografia. Não há obrigatoriedade de ler o todo para obter suas próprias respostas. Em suma, o livro preenche uma lacuna que os pesquisadores brasileiros haviam deixado na história da fotografia jornalística.